MICROSCOPIO

Uma das perigosas ilusões dos individuos egoistas, materialistas e acomodaticios é que as ditaduras só lhes subtraem os direitos politicos, de cuja responsabilidade folgam de cliviar-se.

Assim, muita gente, em vez de indignar-se com o traiçoeiro golpe, deu um suspiro de atisfação e clivio, quando o sr. Getulio Vargas instaurou a ditadura como regime, em 1937. Iamos todos ficar livres de preocupações e incômodos e, sobretudo, estávamos dispensados de resolver se seria o sr. Armando Sales, ou o sr. José Américo quem nos governaria.

O despotismo é, porém, como o fogo: não cansa, enquanto haja o que consumir. Pensava o incauto cidadão que apenas renunciava a esta coisa prosaica e pouco atraente que é depor uma cédula na urna, e logo começa a perceber que nada mais tem firmeza e consistencia, nem a sua liberdade, nem o seu patrimonio, porque tudo passou a depender do arbitrio de um homem.

E' o que verificou agora a Nação, estarrecida, com o recente decreto-lei, que, a pretexto de combater os trusts e os monopolios, põe todas as emprêsas de certa magnitude e importancia sob o dominio absoluto do governo. Ou se submetem, tornando-se passivos instrumentos da Ditadura, pois lhes é vedado o recurso à justiça, ou se votam ao desaparecimento nas entranhas vorazes do moderno Moloch.

E isto acontece quando, como o leão doente da fábula, a Ditadura se dava por expirante e a nenhuma outra coisa visada, senão à realização das eleições.

16.6.45 *RAUL PILLA*